



VIVER E MORAR NO CAMPO NA VISÃO DE JOVENS ESTUDANTES DE ESCOLAS DE ASSENTAMENTOS RURAIS EM MOSSORÓ/RN¹

Maria José Costa Fernandes ²
Caio Augusto Amorim Maciel³

RESUMO

Nesta pesquisa, buscamos compreender a percepção de uma parcela da juventude rural, acerca do viver e morar no campo, com base nas experiências vivenciadas nas escolas localizadas em assentamentos rurais de Mossoró/RN. Os sujeitos da pesquisa são jovens do campo que estudam em escolas localizadas em assentamentos rurais no 8º e 9º anos, e são residentes em assentamentos ou comunidades rurais, sendo filhos de famílias residentes no campo, sejam assentadas ou não assentadas. A pesquisa teve início com a construção do referencial teórico, a partir de pesquisa bibliográfica sobre a temática. Após a definição dos principais caminhos metodológicos, foram elaborados e aplicados questionários semiestruturados, destinados aos alunos matriculados no 8º e 9º anos, em 03 escolas municipais localizadas em 03 assentamentos rurais de Mossoró/RN. No tocante a pesquisa de campo, as escolas pesquisadas foram: Escola Municipal Evilásio Leão de Moura (Assentamento Hipólito); Escola Municipal Deusdete Cecílio de Araújo (Assentamento Mulunguzinho); e Escola Municipal São Romão (Assentamento São Romão). O campo necessita de mais políticas públicas, que proporcionassem melhores condições de vida para população, com acesso a saúde, educação, renda e lazer. Dessa forma, o jovem teria um desejo maior de ficar no campo. Os jovens necessitam de espaços de socialização, para além da escola, e diversificação de atividades no campo. Os jovens do campo devem ser vistos pelo poder público, e pela sociedade, como sujeitos que precisam ter seus direitos sociais respeitados, para viver com cidadania.

Palavras-chave: Juventude Rural, Escolas do Campo, Assentamentos Rurais, Anos Finais do Ensino Fundamental, Mossoró.

RESUMEN

En esta investigación buscamos comprender la percepción de una porción de la juventud rural sobre vivir y vivir en el campo, a partir de experiencias en escuelas ubicadas en asentamientos rurales de Mossoró / RN. Los sujetos de investigación son jóvenes rurales que estudian en escuelas ubicadas en asentamientos rurales en los grados 8 y 9, y son residentes de asentamientos o comunidades rurales, siendo hijos de familias residentes en el campo, asentadas o no. La investigación se inició con la construcción del marco teórico, a partir de una investigación bibliográfica sobre el tema. Luego de definir las principales vías metodológicas, se diseñaron y aplicaron cuestionarios semiestructurados a los estudiantes matriculados en los grados 8 y 9, en 03 escuelas municipales ubicadas en 03

¹ Este trabalho é parte integrante da tese de Doutorado em Geografia defendida na UFPE em 2020, intitulada - A Escola no Assentamento Rural do Lado de Cá: Reforma Agrária na Visão dos Profissionais da Educação e Jovens do Campo em Mossoró/RN.

² Professora do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, mariacosta@uern.br.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, camorim3@terra.com.br.



asentamientos rurales de Mossoró / RN. En cuanto a la investigación de campo, las escuelas encuestadas fueron: Escuela Municipal Evilásio Leão de Moura (Asentamiento Hipólito); Escuela Municipal Deusdete Cecílio de Araújo (Asentamiento Mulunguzinho); y Escuela Municipal de São Romão (Asentamiento de São Romão). El campo necesita más políticas públicas que brinden mejores condiciones de vida a la población, con acceso a salud, educación, ingresos y esparcimiento. De esta forma, el joven tendría un mayor deseo de quedarse en el campo. Los jóvenes necesitan espacios de socialización, más allá de la escuela, y diversificación de actividades en el campo. La juventud rural debe ser vista por el gobierno y por la sociedad como sujetos que necesitan que se respeten sus derechos sociales para vivir con ciudadanía.

Palabras clave: Juventud Rural, Escuelas de Campo, Asentamientos Rurales, Últimos Años de Educación Primaria, Mossoró.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, buscamos compreender a percepção de uma parcela da juventude rural, acerca do viver e morar no campo, com base nas experiências vivenciadas nas escolas localizadas em assentamentos rurais de Mossoró/RN. Os sujeitos da pesquisa são jovens do campo que estudam em escolas localizadas em assentamentos rurais no 8º e 9º anos, e são residentes em assentamentos ou comunidades rurais, sendo filhos de famílias residentes no campo, sejam assentadas ou não assentadas.

Para Menezes (2019, p.590): “Entendendo o chão da escola como mais um espaço de disputa em que os povos do Campo precisam se firmar e se (Re) pensar enquanto sujeito de sua existência”.

Pra se desenvolver um trabalho adequado à realidade dos jovens rurais é preciso ir além das definições teóricas de juventude e entender as preocupações práticas que elas apresentam, para aí sim podermos desenvolver projetos adequados às suas necessidades (PUNTEL, PAIVA e RAMOS, 2011, p. 09).

O conceito de juventude é marcado pela complexidade em sua definição. Fazendo um breve histórico da utilização desse conceito, Castro (2012) afirma que a definição do termo juventude não é homogênea. Segundo a autora, diversos estudos e autores apontam para pluralidade e complexidade que envolve a definição desse conceito, não havendo, portanto, consenso em sua definição adota por diferentes organismos nacionais e internacionais.

De acordo com Menezes (2016, p.198): “Sabemos que o jovem do campo, ainda é um sujeito difícil de ser discutido, tendo em vista sua complexidade sociocultural e sua pouca representatividade nas pesquisas no que concerne a suas dinâmicas culturais e sociais”.

Dessa forma, a juventude seria vista apenas como “uma condição transitória da vida”? E em se tratando da juventude rural, como anda as condições de vida dessa faixa etária da



população? E o mais importante, quais são os anseios e projetos de vida dos jovens que vivem no campo?

Assim, esse processo identitário configura distintas respostas organizativas que precisam lidar com a representação social e política da juventude. E nesse amplo universo da categoria juventude temos aqueles que se identificam como rurais ou do campo (CASTRO, 2016, p.199).

“Os estudos sobre juventude são emblemáticos, especificamente sobre jovens rurais são mais recentes e trazem constantes desafios frente às especificidades desta categoria” (PUNTEL, PAIVA e RAMOS, 2011, p. 03).

A juventude rural também é marcada pela “precariedade das condições de vida, pois (...) as dificuldades de viver no campo (de acesso a bens e serviços) e o trabalho no interior da família” (PAULO, 2010, p.113).

Se fosse destinado para o campo, políticas públicas que proporcionassem melhores condições de acesso a saúde, educação, renda e lazer, o campo teria melhores condições de vida, certamente o jovem teria um desejo maior de ficar no campo.

METODOLOGIA

A pesquisa teve início com a construção do referencial teórico, a partir de pesquisa bibliográfica sobre a temática. Após a definição dos principais caminhos metodológicos, foram elaborados e aplicados questionários semiestruturados, destinados aos alunos matriculados no 8º e 9º anos, em 03 escolas municipais localizadas em 03 assentamentos rurais de Mossoró/RN.

No tocante a pesquisa de campo, as escolas pesquisadas foram: Escola Municipal Evilásio Leão de Moura (Assentamento Hipólito); Escola Municipal Deusdete Cecílio de Araújo (Assentamento Mulunguzinho); e Escola Municipal São Romão (Assentamento São Romão).

Ressaltamos que, a aplicação dos questionários foi realizada com a autorização da equipe escolar, sendo preservada a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa. As imagens realizadas durante a aplicação dos questionários tiveram os rostos dos alunos desfocados, e os questionários foram respondidos sem identificar os nomes.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já mencionado anteriormente, a pesquisa foi realizada com jovens estudantes, matriculados no 8º e 9º anos, em escolas localizadas em assentamentos rurais de Mossoró, totalizando cerca de 85 questionários aplicados. Sobre o sexo desses alunos entrevistados, 51% se autodeclararam do sexo masculino; 48% do sexo feminino; e 1% se autodeclarou não-binário.

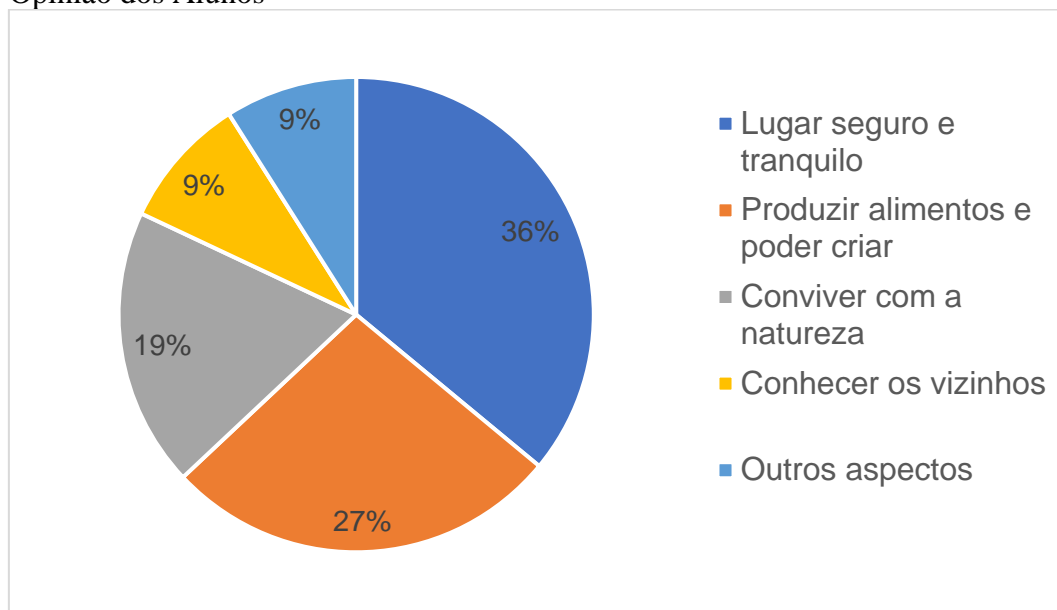
Acerca do local de moradia desses alunos entrevistados, 58% deles responderam que moram em assentamentos rurais; e 42% responderam que moram em sítios ou comunidades rurais localizadas em regiões circunvizinhas ao assentamento onde a escola está localizada. Esse dado revela que a maioria dos entrevistados são filhos de assentados e vivem nos assentamentos rurais.

Buscamos compreender o entendimento dos alunos acerca do termo assentamento rural, perguntamos aos mesmos o que significava para eles morar num assentamento ou comunidade rural, citando aspectos positivos e negativos.

Tomando por base a resposta dos alunos, organizamos de acordo com as principais categorias apresentadas pelos mesmos, demonstrando os aspectos positivos e/ou negativos de morar num assentamento rural.

Acerca dos aspectos positivos (gráfico 1) de morar num assentamento/ comunidade rural, subdividimos as respostas dos alunos nas seguintes categorias: lugar seguro e tranquilo; produzir alimentos e poder criar; conviver com a natureza; e conhecer os vizinhos, além de outros aspectos.

Gráfico 1 – Aspectos Positivos de Morar num Assentamento/Comunidade Rural na Opinião dos Alunos



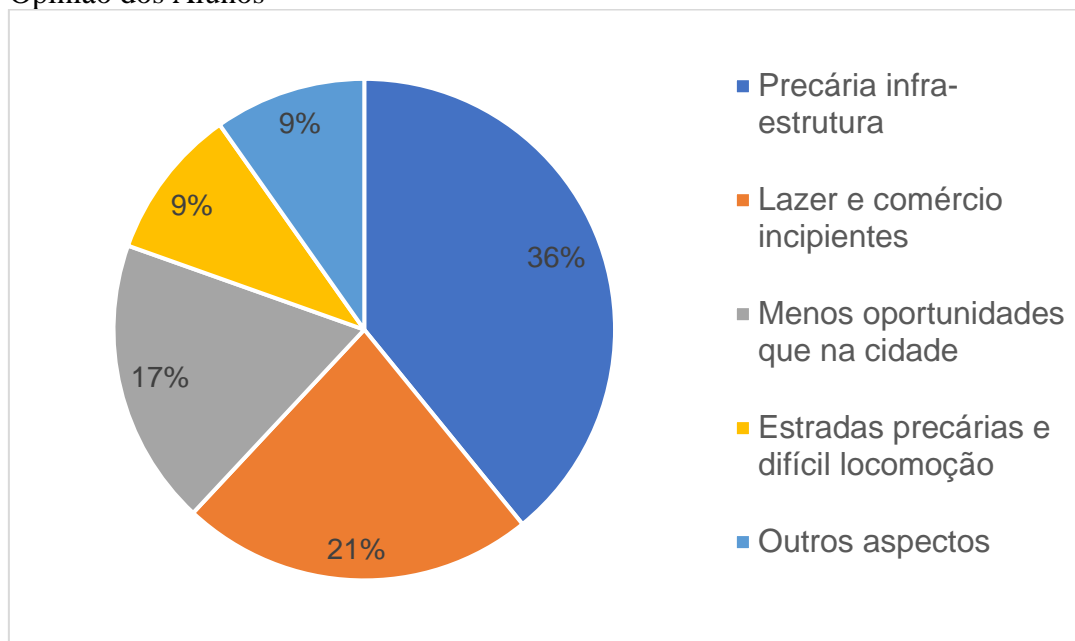
FONTE: Elaborado pela autora, a partir da pesquisa de campo realizada com alunos das escolas em 2019.

Analisando o gráfico 1, podemos afirmar que o principal motivo apontado pelos jovens, diz respeito a ser um “lugar seguro e tranquilo”, com 36% do total. Em seguida porque é possível “produzir alimentos e poder criar”, com 27% do total. Foi citado por 19% dos entrevistados sobre “conviver com a natureza”, 9% citaram como aspectos positivo “conhecer os vizinhos”; e 9% citaram outros aspectos.

A violência também está presente no campo, mas ainda é maior na cidade. Por essa razão, os jovens apontam que um dos aspectos positivos de morar no assentamento é pela questão da tranquilidade em relação a cidade. Mas precisamos estar atentos para a redução das “fronteiras” entre o campo e a cidade.

Acerca dos aspectos negativos (gráfico 2) de morar num assentamento/ comunidade rural, subdividimos as respostas dos alunos nas seguintes categorias: precária infraestrutura; lazer e comércio incipientes; menos oportunidades que na cidade; estradas precárias e dificuldade de locomoção, além de outros aspectos.

Gráfico 2 – Aspectos Negativos de Morar num Assentamento/Comunidade Rural na Opinião dos Alunos



FONTE: Elaborado pela autora, a partir da pesquisa de campo realizada com alunos das escolas em 2019.

A analisando o gráfico 2 podemos afirmar que o principal motivo negativo apontado pelos jovens, diz respeito ao lugar apresentar uma “precária infraestrutura”, com 36% do total. Em seguida pela ausência ou existência precária de “lazer e comércio incipientes”, com 21% do total. Outros motivos dizem respeito a “menos oportunidades que na cidade”, com 17%; além de “estradas precárias e difícil locomoção” com 9%; além de 9% outros aspectos.

A precariedade dos resultados das políticas públicas voltadas para o campo vai impactar diretamente na decisão de “ficar ou sair” do campo, fazendo o jovem querer buscar trabalho e renda na cidade.

Assim, “ficar ou sair” do campo é mais complexo do que a leitura da atração pela cidade e nos remete à análise de juventude como uma categoria social-chave pressionada pelas mudanças e crises da realidade no campo, e para a qual a educação do campo tornou-se uma questão estratégica (CASTRO, 2012, p. 444).

“Outro elemento importante para a vivência da juventude, reconhecido por muitos estudiosos é o lazer. Assim, os espaços de lazer também são importantes construtores de sentidos” (PAULO, 2010, p.181).

A necessidade de lazer para os jovens nas áreas rurais foi apontada em pesquisa realizada com assentados de Jataí/GO, realizada por Quinteiro (2003, p.179): “Os jovens têm a expectativa de obter do poder público recursos para ampliar as formas de lazer específicas para eles, e a criação de oportunidades profissionais”.



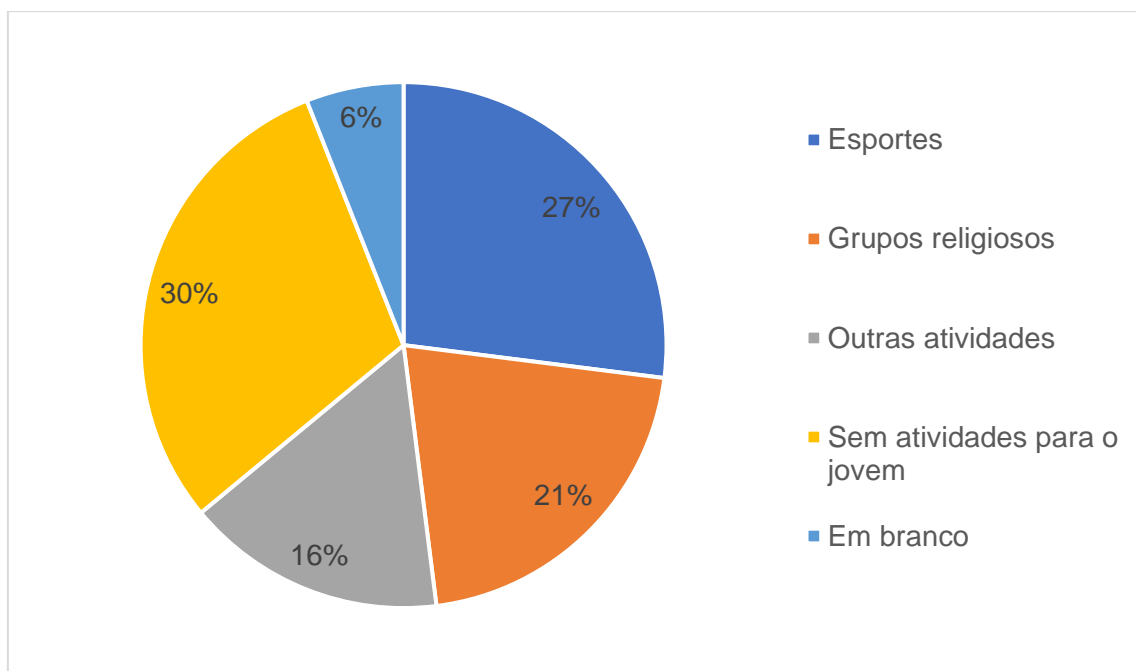
Sobre a importância da existência de espaços e atividades diversificadas, que proporcionem momentos de lazer, para a população do campo, Costa Fernandes (2008, p.654) afirma:

(...), sobretudo porque existe nos assentamentos um contingente considerável de jovens e crianças que precisam praticar atividades que proporcionem a diversão, e até mesmo adultos e idosos que trabalham diariamente necessitando de descanso. Além disso, o lazer se constitui num direito social dos cidadãos brasileiros que é garantido na Constituição e que deve ser cumprido.

Os jovens necessitam de espaços de socialização, para além da escola, e diversificação de atividades no campo. Os jovens do campo devem ser vistos pelo poder público, e pela sociedade, como sujeitos que precisam ter seus direitos sociais respeitados, para viver com cidadania.

Com o propósito de conhecer um pouco mais da rotina desses jovens estudantes, perguntamos aos mesmos se **no assentamento/comunidade onde eles moram existem atividades específicas para os jovens** (gráfico 3).

Gráfico 3 – Atividades Existentes para os Jovens no Lugar onde Residem.



FONTE: Elaborado pela autora, a partir da pesquisa de campo realizada com alunos das escolas em 2019.

Podemos perceber pelo gráfico 03, a pouca diversidade de atividades específicas para os jovens do lugar, o que afeta diretamente na decisão de trabalhar ou continuar morando no assentamento/comunidade.



Cerca de 30% dos jovens responderam que no lugar onde residem não existe qualquer tipo de atividades específicas para eles, e 6% dos mesmos deixaram a questão em branco.

A atividade mais citada foi relacionada ao esporte, com 27%, merecendo destaque atividades como futebol, corrida e ciclismo; em seguida foi citado grupos religiosos, com 21%, mas não especificaram de qual religião.

Acrescentamos que no momento da realização da pesquisa percebemos que os esportes foram mais citados pelos jovens estudantes do sexo masculino e os grupos religiosos pelas jovens estudantes do sexo feminino. Ressaltamos que apesar dos esportes ter sido citado, não existia quadra de esportes em nenhuma das escolas, na verdade, trata-se de um “campo de futebol improvisado”.

Em outras atividades, foi citado por 16% dos entrevistados, o trabalho existente em algumas empresas de melão, mediante o Programa Jovem Aprendiz e a cursos de formação, mas não citaram em qual área.

A falta de atividades específicas para os jovens nos assentamentos e comunidades só reforçam ainda mais a importância das escolas nessas áreas onde estão inseridas, muitas vezes sendo a única opção de escolarização e socialização para o jovem.

Nessa perspectiva, a escola deve inserir-se na prática social, aproximando-se da vida concreta do educando, mas não se restringindo à realidade imediata deste. Buscando resistir tanto ao papel histórico fundamentado numa perspectiva negativa sobre os povos do campo como também combater uma perspectiva recente sustentada nos parâmetros do neoliberalismo que se estendia também às políticas destinadas à educação (MENEZES, 2019, p.593).

Por essas e outras questões, devemos refletir sobre o significado da escola nos assentamentos rurais, como bem coloca Silva (2014) em pesquisa realizada no Piauí:

Para além disso, a escola é o espaço onde o povo assentado se encontra, confraterniza, discute (inclusive questões ambientais), comemora conquistas. Configura espaço de organização, mas principalmente de construção de conhecimento e saberes (SILVA, 2014, p75).

O que aponta para a escola um papel importante em relação à construção e reconstrução daquilo que representa a cultura dos assentados, como sua história, princípios e organicidade. Logo, a escola manifesta-se como espaço da cultura e da identidade bem como dos demais elementos que envolvem os assentamentos inclusive a natureza (SILVA, 2014, p75).

“Tais questionamentos demonstram a necessidade de maiores investimentos públicos em serviços comunitários rurais, que contribuem para a permanência dos jovens nos assentamentos” (SOUZA, 2009, p.188).



Pesquisa realizada por Menezes (2014), sobre os jovens do campo de Goiás, vai problematizar algumas questões que também são pertinentes para nossa pesquisa. Na medida em que a autora esclarece:

Assim, ser jovem na atualidade e ter como cenário a vida no campo e suas recentes transformações é diferente do que era ser jovem nas gerações passadas, pois os problemas e desafios encontrados são outros e a singularidade histórica pela qual estão passando ajuda a estruturar seus projetos de vida de maneira diferente do jovem urbano. Com singularidades em relação à família que, ao mesmo tempo, é unidade de produção e, por isso, deve ser levada em conta em seu projeto de vida, os jovens do campo se articulam para não perderem a comunicação com a família e com os amigos (MENEZES, 2014, p.57).

Nesse contexto, perguntamos aos jovens se **quando eles se tornarem adultos, pretendem continuar morando no assentamento ou comunidade que residem atualmente.**

Apenas 21% dos entrevistados responderam que pretende continuar morando no assentamento/comunidade; a grande maioria, cerca de 55%, respondeu que não pretende continuar morando onde reside. Essa questão teve um índice de respostas em branco com cerca de 24% do total.

Do grupo de 21% dos alunos que responderam que pretendem continuar morando no assentamento/comunidade, as justificativas para essa questão foram as seguintes (quadro 1):

Quadro 1 – Opinião dos Alunos que Pretendem Continuar Morando no Assentamento/Comunidade na Vida Adulta

A	RESPOSTAS DOS ALUNOS ENTREVISTADOS
A18	Porque eu gosto de morar em assentamento
A20	Porque morar aqui é muito bom
A25	É muito melhor do que morar na cidade
A33	Porque é bom morar aqui
A35	Não vejo diferença alguma de morar em outro lugar
A38	Eu gosto da comunidade
A40	É um lugar calmo
A46	Porque eu gosto de onde eu moro
A47	Porque aqui é mais calmo
A51	Porque gosto daqui



A53	Acho a comunidade calma
A57	Porque eu quero
A64	Porque quero continuar morando com minha família
A67	Sim, aqui tenho mais chance de arrumar um trabalho que na cidade
A72	Porque gosto daqui
A76	Morar no campo é mais saudável
A77	Porque eu sempre gostei de morar na comunidade
A80	Porque sempre gostei muito daqui

FONTE: Elaborado pela autora, a partir da pesquisa de campo realizada com alunos das escolas em 2019.

Analisando o quadro 01 podemos dizer que a maioria das respostas está relacionada ao fato do campo ser considerado um lugar mais “calmo e tranquilo”, além do apego a família e a própria comunidade, fazendo com que uma parcela dos jovens se identifique com o lugar onde mora.

“Morar e trabalhar é também, social e culturalmente, o modo pelo qual é possível garantir o pertencimento a uma sociedade local. Sociedade rural, no sentido clássico desse conceito” (WANDERLEY, 2003, p.245).

Chamou atenção a seguinte resposta: “*Sim, aqui tenho mais chance de arrumar um trabalho que na cidade*” (A67). Certamente esse jovem é consciente de que na cidade não é tão fácil “encontrar emprego” como no senso comum é divulgado.

Aqui, por um lado, ressalta-se a importância da vizinhança e dos grupos cuja integração se alimenta da proximidade e, por outro lado, se estabelece a marca da ruralidade do projeto de vida, distinta do que se pode viver nas cidades, onde morar e trabalhar são vistos como dissociados (WANDERLEY, 2003, p.245).

Estudando sobre o tema, (Castro, 2016, p.201) conclui: “os jovens querem “o melhor dos dois mundos”, quando avaliam o presente e o futuro. Ou seja, desejam a vida do campo com qualidade de vida, atuando em atividades agrícolas e não agrícolas, e viver a juventude sem ter fronteiras”.

Em estudo realizado em assentamentos rurais do Piauí (Silva, 2014, p.186), a autora identificou no seu trabalho costumes da juventude rural semelhante aos jovens da cidade, concomitante a costumes atribuídos ao campo, demonstrando que o campo e a cidade estão cada vez mais entrelaçados, ficando cada vez mais tênue definir o que seria costumes de jovens urbanos e de jovens rurais.



Mesmo detectando visivelmente no falar, vestir e outros comportamentos dos jovens, como o uso diuturno de celulares modernos, grande semelhança com a juventude urbana de São João, aparecem algumas ações capazes de refletir regras de comportamento mais associadas a costumes da família rural tradicional, como tomar a bênção aos mais velhos, mesmo que estes não sejam parentes das crianças e, pouca presença de mulheres desacompanhadas por um familiar em locais como bares.

Do grupo de 55% dos alunos que responderam que não pretendem continuar morando no assentamento/comunidade, as respostas foram subdivididas nas seguintes categorias: questões relacionadas a trabalho e renda; questões relacionadas a necessidade de ampliação da escolaridade; questões relacionadas ao desejo de morar na cidade; e motivos diversos.

Analisando a categoria de respostas que mais se repetiram, podemos perceber que a maioria das justificativas dos jovens foi em relação a ausência ou pouca diversidade de emprego, trabalho e renda, já que eles consideram que na cidade tem mais oportunidades, e alguns deles expressaram desejos de trabalhar em atividades não agrícolas como construção civil e carreira militar.

Portanto, é necessário entender os papéis assumidos pelo campo e pela cidade e, perceber que o campo e a cidade são espaços com uma grande parcela de pessoas morando em um e trabalhando, estudando, “vivendo” no outro. Indivíduos que vivenciam os espaços e, com base em suas experiências, constroem-se enquanto sujeitos sociais. Como, grande parte desses sujeitos é jovem, que tem nessa prática fortes influências em sua construção social, cultural e histórica, torna-se evidente a necessidade de identificá-lo e analisá-lo em suas distintas posições ocupadas nos espaços sociais a que se relaciona (MENEZES, 2016, p.178).

Essa citação está relacionada com o seguinte depoimento: *“Porque pretendo fazer uma faculdade, e para isso tenho que sair do assentamento para ficar mais perto do Curso”* (A74). Essa fala se assemelha a pesquisa desenvolvida por Paulo (2010) com jovens rurais do ensino médio:

Ao ser questionada se conseguiria realizar seu sonho ali, ela afirma: É muito difícil, se eu ficar aqui no sítio é muito difícil, porque não tem transporte pra levar pra uma faculdade mais longe e eu não tenho condições de morar fora daqui, então é mais um sonho mesmo (PAULO, 2010, p.140).

Os jovens querem sair em busca de melhores condições de vida e mais oportunidades profissionais para o seu futuro. Para o debate vamos trazer a contribuição de Oliveira, Rabello e Feliciano (2014, p.141):

Os discursos gerais mostram que os motivos pelos quais os jovens anseiam por sair do campo se voltam para melhoria nas condições de vida. Porém, nos questionamos se existe mesmo melhoria nas condições de vida destes jovens quando saem do lote. O que notamos, na verdade, é uma ilusão. A vida na cidade é sempre apresentada com a melhor opção. Isso está atrelado com a premissa de que o campo é arcaico ou atrasado, e que na cidade encontramos muitas oportunidades e facilidades.



Outra questão apontada pelo jovem está relacionada a necessidade ampliação da escolaridade, inclusive em nível superior, demonstrando que o jovem se preocupa com seu nível de escolaridade, porque *“na cidade tem mais oportunidades de estudo”* (A48).

A observação do A48 está atendida com a realidade, pois a maioria das escolas existentes nos assentamentos rurais são dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, algumas dos Anos Finais do Ensino Fundamental, e raríssimas do Ensino Médio. Indubitavelmente o jovem terá que se deslocar para cidade para realizar o ensino médio, pois são raras as escolas que ofertam este nível de ensino na zona rural.

Na mesma proporção de buscar uma ampliação da escolaridade, os jovens também citaram o desejo de morar na cidade, porque *“pretendo sair do assentamento para a cidade”* nas palavras do A62.

Como aponta pesquisa realizada no Assentamento São Bento, no município canavieiro de Mirante do Paranapanema/SP, quando os autores Oliveira, Rabello e Feliciano (2014, p.140) apontarem que:

Os jovens brasileiros oriundos do campo continuam a abandonar a agricultura e o meio rural para procurar alternativas nas cidades. (...) Os motivos do passado se misturam com os atuais, onde o êxodo rural neste caso, não é fruto apenas de uma lógica que dita que a urbanização é o mundo das possibilidades, enquanto o campo é uma área atrasada, colocasse na inviabilidade de questões materiais e estruturais predominantes no modelo produtivo agrícola do campo brasileiro, produzindo invisibilidade social para os jovens, pois a falta de políticas públicas exclui estes indivíduos da produção rural e minam suas possibilidades de ter uma vida digna no meio rural (OLIVEIRA, RABELLO, FELICIANO, 2014, p. 137).

Mas essa questão do jovem sair do assentamento/comunidade para a cidade, não deve ser analisada apenas de forma superficial, é preciso refletir sobre os motivos que levam o jovem a desejar viver no urbano, que segundo os autores da citação anterior está relacionada a falta de políticas públicas direcionadas para os jovens do campo e a questão da invisibilidade social desses sujeitos.

Ao aprofundamos a observação nos dados da pesquisa em relação aos motivos e os desejos da saída dos jovens do campo percebemos que estão ligados ao trabalho e a elementos infra-estruturais que favorecem a reprodução social destes indivíduos. Quando são questionados sobre o porquê da saída de outros jovens do Assentamento cerca de 91% dos entrevistados afirmam saber o motivo que leva os demais saírem do campo, e 74% confirmam que os motivos desta saída estão ligados à procura de trabalho. Para estes jovens, o trabalho desempenhado nas unidades produtivas não é considerado trabalho produtivo, mas sim uma atividade ligada à sobrevivência, sendo o trabalho aquele que tem como fruto o salário (OLIVEIRA, RABELLO, FELICIANO, 2014, p. 141).



A questão de ficar ou sair do assentamento não deve ser analisada isoladamente. Deve ser pensada de forma mais ampla, pois as justificativas dos que desejam sair revelam a precariedade da infraestrutura existente no meio rural. A decisão de sair é motivada pelas precárias condições de vida existentes ou pela falta de perspectivas futuras para o jovem.

Os jovens estão indo embora! Essa expressão sintetiza uma imagem do jovem do campo no Brasil. A juventude do campo é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões em que a categoria jovem é construída e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais (CASTRO, 2012, p. 441).

Dessa forma podemos dizer que a autora nos alerta para analisar mais profundamente a decisão do jovem, de sair ou ficar no campo está relacionado a ausência ou ineficácia das políticas públicas para o campo e até mesmo da questão da “invisibilidade” dos sujeitos do campo.

Observamos um processo de reafirmação da identidade juvenil em diálogo com fronteiras invisíveis ainda intransponíveis para uma parcela importante da juventude rural. Isto é, com o mundo objetivado e ressignificado por meio de agendas e pautas das organizações de juventude. Para muitos jovens, viver no mundo rural, hoje, ainda significa enfrentar barreiras para sua autonomia e suas possibilidades de escolha. Ou seja, as possibilidades reais de escolarização, acesso à terra e à renda, muito valorizados como caminhos para a construção de autonomia, não estão ao alcance de muitos (...) (CASTRO, 2016, p.200).

É incontestável que a cidade gera atrativos e ilusões nos jovens. Mas nos perguntamos se ao sair do assentamento para a cidade o jovem realmente vai encontrar melhores condições de vida?

Mas, o que garante que esses jovens que saem do campo para a cidade encontrem melhorias nas condições de vida? Na verdade, não há garantia. Eles saem em busca deste objetivo de vida, mas quando se deparam com a realidade que os aguarda, logo percebem as dificuldades que terão que enfrentar. Essas dificuldades vão desde a adaptação com o novo, até o enfrentamento ao preconceito que ainda existe em relação ao sujeito do campo, sempre tido como aquele sujeito “rústico”, atrasado, cuja única coisa na qual sabe trabalhar é com animais e agricultura (OLIVEIRA, RABELLO, FELICIANO, 2014, p. 142).

Como vimos até então, para entender o desejo de saída dos jovens do campo é preciso considerar um conjunto de variáveis, associado as condições de vida que ele vivencia no lugar onde reside. Existe também aquela parcela de jovens que pretendem continuar morando no assentamento, mas necessariamente não desejam trabalhar com atividades relacionadas a agropecuária.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço escolar não é somente o lugar de adquirir conhecimentos formais, é também um lugar de socialização, sobretudo para os jovens. É também na escola que se (re) produz as contradições e os estigmas sociais, com valores e rejeições da sociedade. Acreditamos que a *existência e resistência* da escola localizada no campo, representa antes de tudo, um espaço de luta contra as desigualdades sociais que atinge a população do campo.

Por isso é tão urgente e necessário que o ensino da reforma agrária seja problematizado e debatido nas escolas do campo, despertando nas crianças e jovens, desde cedo, a compreensão de que, o acesso à política de reforma agrária no Brasil contribui para o desenvolvimento regional, mas não foi um processo pacífico e que muitos entraves precisam ser superados, em busca de condições de vida mais dignas para a população que ainda reside no campo, porque *vidas rurais também importam*.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude Rural, do Campo, das Águas e das Florestas: a primeira geração jovem dos movimentos sociais no Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude. **POLÍTICA & TRABALHO** Revista de Ciências Sociais, nº 45, Julho/Dezembro de 2016.

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude do Campo. In: CALDART, Roseli Salette et al (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

COSTA FERNANDES, Maria José. Uma leitura geográfica da reforma agrária potiguar. In: **Globalização e marginalidade: o Rio Grande do Norte em foco**. VALENÇA, Márcio Moraes; BONATES, Mariana Fialho (Orgs.). Natal: EDUFRRN, 2008.

MENEZES, Priscylla Karoline de. O Ensino de Geografia e os Contextos da Educação do Campo. **ANAIS do 14 Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (ENPEG)**. Universidade Estadual de Campinas, 2019.

MENEZES, Priscylla Karoline de. O Jovem do Campo: uma faceta da(s) Juventude(S) Contemporâneas no estado de Goiás. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 170-200, 2016.

MENEZES, Priscylla Karoline de. **SER JOVEM, SER ESTUDANTE, SER DO CAMPO: a concepção de rural e urbano para jovens estudantes em escolas públicas das cidades de Goiânia e Trindade**. 2014. 144f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Geografia. Instituto de Estudos Socioambientais. Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, 2014.



OLIVEIRA, Luciano Benini de; RABELLO, Diógenes; FELICIANO, Carlos Alberto. Permanecer ou sair do Campo? um dilema da Juventude Camponesa. **Revista Pegada** - vol. 15 n.1. julho/2014. 136-150p.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **As construções das Identidades de Jovens Rurais na Relação com o meio urbano em pequeno município.** 2010. 259 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

PUNTEL, Jovani Augusto Puntel; PAIVA, Carlos Águedo Nagel; RAMOS, Marília Patta. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos.** 1-20p. IPEA: 2011.

QUINTEIRO, Maria da Conceição. Rio Paraíso, o paraíso conquistado. In: MARTINS, José de Souza et al (Orgs.). **Travessias: a vivência da reforma agrária nos assentamentos.** Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SILVA, Waldirene Alves Lopes da Silva. **Assentamentos da Reforma Agrária no Semiárido Piauiense: da identidade aos espaços da natureza.** 2014. 222 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE, 2014.

SOUZA, Júnia Marise Matos de. **Do Acampamento ao Assentamento: uma análise da reforma agrária e qualidade de vida em Sergipe.** 2009. 368 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2009.